

A História de Luta e Resistência de Josélia



Josélia mostra sua produção e armazenamento das sementes crioulas

Josélia Inácio da Silva Câmara, 47 anos, vive na comunidade Riacho Fechado I, no município de Bento Fernandes. Casada com Sebastião Erivaldo da Câmara e tem um filho que se chama Leôncio Inácio da Silva Neto. Nasceu e se criou nessa comunidade tradicional, que tem 115 famílias e onde quase todos os moradores têm um grau de parentesco. Com uma história de luta e resistência, lembra que seu trabalho na agricultura iniciou quando ainda era criança, acompanhando seu pai no roçado. A família comia o que plantavam: gergelim, fava, feijão, mandioca, batata, além da caça de pequenos animais da região que complementava a alimentação.

Foram os períodos de estiagem, dos anos oitenta e noventa, que obrigaram Josélia e seus irmãos a saírem por duas vezes da sua comunidade para trabalhar no município de Ceará- Mirim, em busca de trabalho para o sustento da família. Josélia diz que foram anos de muito trabalho, de domingo a domingo, mas que sempre soube que o seu lugar é trabalhando na agricultura e vivendo na comunidade em que nasceu.

No início, as coisas eram difíceis. Com pouco incentivo, a comunidade mal tinha água para beber e para o plantio. Só depois de muita organização, com a criação da associação e a participação da comunidade no Fórum da Asa do Mato Grande, foram possíveis algumas conquistas que fortaleceram a comunidade, como a Cisterna do P1MC e do P1+2.

Josélia diz que os programas da ASA são diferentes de outros que ela conhece. Antes de conquistar a tecnologia, agricultores e agricultoras participam de um processo de mobilização, organização e troca de conhecimentos, que transformam até a forma de viver e trabalhar coletivamente, onde se discute várias coisas além do acesso a água, como a soberania alimentar, a forma de produzir e de criar os animais, a preservação das sementes e como elas devem ser plantadas e cultivadas.

Hoje, a comunidade Riacho Fechado I vive mais uma conquista, que vem animando e fortalecendo o trabalho coletivo. Trata-se do Projeto de Sementes, que vem gerando discussões na comunidade e mostrando a importância da preservação e resgate das sementes crioulas. Essa é uma tradição que vem desde seus avós, passando de uma família para outra, mas que, por conta das políticas públicas incapazes de proteger esse patrimônio genético, a comunidade foi perdendo suas sementes crioulas.

Josélia sabe que o processo não será fácil, muitas agricultoras e agricultores ainda usam veneno e compram sementes transgênicas, mas acredita que é na prática que irá convencer a comunidade. Conta que, quando plantou gergelim para espantar as formigas, alguns agricultores disseram que era difícil isso dá certo, mas foi com o gergelim que conseguiu espantar as formigas do seu roçado e serviu de exemplo para toda a comunidade.



Quintal produtivo de Josélia

Mandala onde associa a criação de galinhas, patos, guinés e gansos com a produção de hortaliças.



Guardiã das sementes crioulas, Josélia fala da importância das sementes para garantir a soberania alimentar e geração de renda para a família, e que isso precisa chegar a toda a comunidade.

Josélia diz que os incentivos que chegaram à sua comunidade fortaleceram a produção das famílias. O que prova que muitas vezes o agricultor não tem preguiça, como muitas pessoas falam, mas falta de incentivo e de acesso a políticas que garantam a sua produção. Para ela, ver as plantações dos roçados e dos quintais das famílias já diz muita coisa: o quanto o acesso aos programas da ASA e de outros incentivos trouxeram uma melhoria na produção e na própria organização da comunidade.

A experiência que chama atenção de muitos intercâmbios que vêm visitar a comunidade é o quintal produtivo de Josélia. Sem o uso de veneno, planta uma variedade de frutíferas, hortaliças e plantas medicinais. As frutíferas que planta em seu quintal são trapiá, jucá, caju, graviola, limão, banana, pinha, laranja, mamão, azeitona preta, umbu, cajá, siriguela, coco, acerola, abacaxi, manga e melancias.

No centro do seu quintal, Josélia fez uma mandala, onde associa a criação de galinhas, patos, guinés e gansos com a produção de hortaliças. A mandala é toda cercada com tela de arame, para que as galinhas entrem até o seu centro. Ela fez um túnel de tela, que passa por dentro dos círculos de hortaliças sem deixar que as aves comam as plantas. No círculo da mandala, é produzido coentro, cebola, abacaxi, maracujá e romã. No centro fica o aviário, onde são criados patos, galinhas e guinés, que comem milho e capim elefante produzidos por Josélia e também comem minhocas e insetos no pasto fora da mandala.

No quintal, também está localizado o curral das vacas, das ovelhas e do cavalo que é usado no arado e na carroça. Os animais são alimentados com palma e maniva da mandioca, além da palha e do sabugo do milho. A família não compra torta e nem farelo de trigo para o gado. As ovelhas comem o mesmo que as vacas. A ração é feita aqui mesmo, diz Josélia. O adubo para as plantas vem do esterco das ovelhas e do gado. Também são usadas folhas e um fertilizante preparado com dois litros de calda e vinte litros de água. O nim é usado para espantar as pragas das plantas e matar os carrapatos e moscas que aparecem nos bichos. As ervas medicinais, como cidreira, louro, hortelã miúdo, romã, capim santo, hortelã graúdo e anador, são usadas como tempero e remédio.

O roçado de Josélia não é muito diferente de seu quintal. Com uma variedade de produção, o roçado fortalece o quintal, alimentando a família e os animais. Ela diz que a única diferença do roçado para o quintal é que, no roçado, a plantação precisa ser resistente e se adaptar à quantidade menor de água.

De frutíferas, Josélia planta no seu roçado umbu, siriguela, banana, caju, limão, pinha, abacate, goiaba, coco, manga, acerola, maracujá, pitomba e graviola, além de feijão, macaxeira, batata e palma. Das ervas medicinais, planta hortelã grande, cidreira, romã e noni.

Josélia é um exemplo de que é possível gerar renda e garantir a soberania alimentar, convivendo de forma sustentável com o meio ambiente. Uma liderança da comunidade, diz que o importante é que seu exemplo seja imitado, que as agricultoras e agricultores de sua comunidade possam viver da agricultura.

Realização



Articulação
Semiárido
Brasileiro*

Apoio



PROGRAMA
CISTERNAS

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

